



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

BRUNO MENDONÇA DA SILVA

**A INSTAURAÇÃO DA MISSÃO CARMELITA NO RECIFE DURANTE O
SÉCULO XVII**

Recife
2023

BRUNO MENDONÇA DA SILVA

**A INSTAURAÇÃO DA MISSÃO CARMELITA NO RECIFE DURANTE O
SÉCULO XVII**

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador (a): Bruno Martins Boto Leite

Recife
2023

BRUNO MENDONÇA DA SILVA

A INSTAURAÇÃO DA MISSÃO CARMELITA NO RECIFE DURANTE O SÉCULO XVII

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador (a): Bruno Martins Boto Leite

Aprovado em: 22/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Martins Boto Leite

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dra. Luanna Maria Ventura dos Santos Oliveira

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Gustavo Augusto Mendonça dos Santos

Prefeitura Municipal de Ipojuca

A INSTAURAÇÃO DA MISSÃO CARMELITA NO RECIFE DURANTE O SÉCULO XVII.

Bruno Mendonça da Silva.¹

RESUMO

O presente artigo tem como intuito analisar a chegada dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, os carmelitas, na cidade do Recife, durante o século XVII, a fim de apontar as suas principais motivações, que contribuíram para a instauração desse novo empreendimento missionário nesta cidade. Diante disso, buscou-se a partir de uma análise bibliográfica compreender e observar as nuances desse processo histórico dentro dessa ordem religiosa e seus impactos para a sociedade, na qual, estava inserida. Logo, tornou-se visível que as principais motivações que trouxeram os carmelitas para o Recife estavam interligadas com o potencial econômico da cidade. Assim, esclarecendo o papel da ordem religiosa como coadjutora da perpetuação do projeto colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Carmelitas; Missão; Recife; Economia colonial.

ABSTRACT

This article aims to analyze the arrival of the Brothers of the Blessed Virgin Mary of Monte Carmelo, the Carmelites, in the city of Recife, during the 17th century, in order to point out their main motivations, which they developed for the establishment of this new venture venture in this city. In view of this, seek, from a bibliographical analysis, to understand and observe the nuances of this historical process within this religious order and the impacts on the society in which it was inserted. Soon, it became visible that the main motivations that brought the Carmelites to Recife were interconnected with the city's economic potential. Thus, clarifying the role of the religious order as a supporter of the perpetuation of the colonial project.

KEYWORDS: Carmelites; Mission; Recife; Colonial economy.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pelo Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manuel Medeiros, s/n, Dois Irmãos – CEP: 52171 – 900 – Recife/PE. E-mail: mendoncabruno479@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na intenção de perpetuar o catolicismo além-mar, o Estado Português juntamente com a Santa Sé uniram esforços para estimular a vinda de ordens religiosas ao Brasil. Foi nesta perspectiva, que a Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, os conhecidos como carmelitas, desembarcaram em terras brasileiras, a partir do ano de 1580, mais precisamente na cidade de Olinda, sua primeira sede conventual das Américas, para contribuir com os apelos do empreendimento missionário que fora designado pela Coroa, ou seja, evangelizar e converter os gentios.

A missão carmelita no Brasil se fez muito frutífera e se expandiu por todo o território, entre os séculos XVI e XVII, dado esse movimento expansionista dos religiosos, que os mesmos buscaram fixar-se no centro da sociedade recifense, em terreno doado pela Câmara do Senado de Olinda, na Freguesia de Santo Antônio do Recife.

É a partir da construção desse trabalho acadêmico que foi possível uma análise mais aguçada sobre os Carmelitas, fazendo todo um apanhado histórico das origens dessa ordem religiosa, que nasceu no final do século XII, seguindo um estilo de vida eremítico, construído sob os pilares do silêncio e da oração. Pois, através dessa exposição se compreenderá melhor quem eram esses religiosos que se estabeleceram na cidade do Recife durante o século XVII.

O presente trabalho preocupa-se em discutir as principais motivações que colaboraram para o estabelecimento de uma nova missão carmelita, sediada no Recife, em busca de compreender quais os intercâmbios entre a sociedade, Igreja e Estado que facilitaram esse acontecimento.

A partir dessa contextualização, define-se como questão problema: por quais meios e/ou motivos os carmelitas se estabeleceram no Recife durante o século XVII? Este problema se relaciona, do ponto de vista pessoal, com a trajetória particular do autor desta obra, assim como do ponto de vista social e acadêmico, que se justificará posteriormente.

Do ponto de vista pessoal, analisar a vinda dos carmelitas ao Recife, é revisitar as minhas memórias afetivas e religiosas, pois poderei esclarecer quais as raízes que me interligam diretamente com o Carmelo Pernambucano, lugar que é berço de uma bonita espiritualidade que muito me atravessa. Como

também, poderei ter uma visão geral sobre os antecedentes da Ordem no Recife e sua relevância nesta sociedade.

Do ponto de vista social, este trabalho tem certa relevância, pois tratará do início da missão carmelita na cidade do Recife, hoje, lugar de expressiva devoção mariana a Nossa Senhora do Carmo. Principalmente notável, no dia da sua memória, 16 de julho, quando grande parte da população costuma reunir-se no santuário basílica para celebrar a festa da co-padroeira da cidade, reunindo grandes multidões. Isso, em certa medida, exprime a importância dessa devoção e como ela já está enraizada no cotidiano desta parcela da população pernambucana, fruto do estabelecimento dos carmelitas no Recife desde tempos mais longínquos, no século XVII.

Por fim, do ponto de vista acadêmico, é importante dizer, que as pesquisas que tratam sobre a instauração da missão carmelita na cidade do Recife ainda são escassas. Em um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando os descritores Carmelitas de Recife, localizaram-se apenas 6 produções. Destas, 3 são dissertações de mestrado e 3 são teses de doutorado sendo elas, quase que exclusivamente, desenvolvidas na Universidade Federal de Pernambuco, excluindo-se apenas uma, que fora produzida no âmbito do mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vale dizer ainda que os trabalhos desenvolvidos datam entre 1996 e 2007, tornando a pesquisa ainda mais relevante do ponto de vista acadêmico.

Diante destas questões, declaramos como objetivo geral deste trabalho: compreender o crescimento e instauração da missão carmelita em Pernambuco no século XVII e como objetivos específicos: a) Apresentar as origens dessa ordem religiosa; b) descrever os propósitos iniciais que trouxeram a missão carmelita a Pernambuco no século XVII, por fim, c) entender como se deu o processo de instauração da missão carmelita em terras recifenses.

Esperamos que esta produção contribua para ampliar as análises acerca da instauração da missão carmelita no Recife, a fim de identificar as motivações que fizeram com que esses religiosos optassem por viver nesta nova cidade, e assim, possibilitando esclarecer como eram agentes que contribuíram diretamente para a perpetuação do projeto colonial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A origem da ordem e a devoção mariana carmelita.

No decorrer desse início de produção acadêmica, o presente artigo analisará e discorrerá sobre a origem da Ordem do Carmo, a fim de apresentar quem são os carmelitas, sua origem e sua(s) inspiração(ões), que serão analisadas através de dois vieses, o mítico e o historiográfico, para melhor embasar como a devida ordem se estabeleceu ao longo dos tempos. Ainda mais, cabe ressaltar que o ramo religioso a ser estudado será o da Antiga Observância, os precursores do carisma.

Para Honor (2017), a origem da fundação da Ordem do Carmo é permeada de incertezas e dúvidas, mas que por sua vez foram respaldadas e ressignificadas na figura profética advinda do Antigo Testamento, o profeta Elias, é dessa correlação que se criou uma cultura histórica que declara o profeta como o primeiro membro deste instituto religioso, colocando-o como uma das mais antigas ordens religiosas, ao fazer esse paralelismo histórico.

É de comum acordo, que as demais ordens religiosas, estabelecidas no mesmo período que os carmelitas, possuam um santo fundador definido, em via de regra, entretanto, os carmelitas ainda não conseguiram solucionar esse questionamento, tornando-o para além do tempo e espaço, e sujeitando-o ao viés espiritual.

Portanto, para melhor compreender sua origem, é necessário voltar às fontes que irmanaram esse carisma evangélico, ou seja, o seu jeito único de viver. Por isso, a discussão se volta aos primórdios da vida eremítica no Monte Carmelo, analisando com mais atenção e zelo, a vida do profeta Elias, considerado um dos inspiradores da Ordem dos Irmãos da Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Será muito usual, no decorrer desta produção acadêmica, o uso da palavra “monte”, visto que a Ordem do Carmo se estabeleceu inicialmente no Monte Carmelo. Por isso, coube apresentar a significação teológica desse termo, a fim de melhor compreender esse espaço físico do Monte Carmelo,

que perpassa dessa interpretação mais comum, para uma interpretação mais alegórica-espiritual.

Na tradição judaico-cristã, o monte tem um significado muito especial, é no monte que Deus se revela ao seu povo, ou seja, subir a montanha é estar em profunda intimidade e unidade com o seu Senhor. Não obstante, as escrituras apontam que desde Abraão, passando por seu filho Isaac, chegando a Moisés, como também a Elias, todos subiram à montanha, para se encontrar com Deus, restabelecer suas forças, se purificar e partir em missão.

Cada um a seu tempo e maneira experimentou de modo singelo seu encontro pessoal com o Criador, aqui, em especial, dar-se-á enfoque a vivência que o Profeta Elias teve a partir da subida do Monte Carmelo, numa região entre o Mar Mediterrâneo e o Vale de Jezreel, na cidade de Haifa, em Israel.

É na região do Monte Carmelo que adoração ao deus Baal, divindade da fertilidade, se expande e cria fortes raízes, mas também é nesse mesmo território que Elias, como profeta do Deus de Israel, combate, denuncia e aponta, veementemente, a idolatria do povo, abrindo brechas diretas para o confronto com o rei Acabe.

Para melhor esclarecer os conflitos religiosos advindos dessa região, é necessário apontar que as variadas interpretações do Antigo Testamento apontam que, certamente, havia, no Monte Carmelo um importante santuário de adoração ao deus Baal, que atraía inúmeros adeptos da região, onde prestavam culto ao deus pagão, que foi tão bem combatido pelo profeta Elias, a fio de espada, a fim de que toda adoração se voltasse ao Deus de Israel. (1Rs 18,19).

Homem austero e virtuoso, Elias opta por uma vida eremítica, visto como prefiguração de João Batista, de palavras fortes e duras, combate com muita audácia missionária os deuses pagãos, os deuses de Baal, tendo a intenção que todos manifestassem sua profissão de fé no Deus de Israel, como constatado no livro de Reis, “nos dias do rei Acabe, Israel se sujeitava à sedução da idolatria”. (1Rs, 18).

A missão profética exige muito esforço e dedicação, não é incomum encontrar em relatos bíblicos o esmorecimento na fé diante das provações,

não foi diferente com o Profeta Elias que se viu atemorizado e exausto, após a rainha Jezabel, esposa do rei Acabe, pedir a sua morte. Ao Senhor, Elias elevou uma súplica pedindo a sua morte, mas é nesse momento de inconstância na fé, que um anjo apareceu-lhe e disse: “Levante-te e come, porque te será muito longo o caminho a percorrer”. (1Rs 19, 7).

Essa mensagem de revigoração provinda da boca do anjo, foi suporte necessário para que Elias pudesse partir, sair de sua realidade de incertezas e desânimos, deixar tudo para trás e subir ao monte, a fim de encontrar com Deus, que se revela em uma simples brisa suave.

É da experiência de Elias que nasce toda a espiritualidade advinda deste lugar, para a tradição judaico-cristã, que se tornou berço da espiritualidade carmelita, posteriormente. Através do excerto abaixo, ficará mais claro como a espiritualidade carmelita bebeu da fonte do Profeta Elias, explícito por Boaga (1997, p. 86):

Dizemos, pois, em testemunho de verdade, que desde os tempos do Profeta Elias e Eliseu, que viveram piedosamente no Monte Carmelo, alguns santos padres do Antigo Testamento, atraídos à solidão da mesma montanha para a contemplação das coisas celestes, ali junto da fonte de Elias, perseveraram louvavelmente em santa penitência, acompanhada certamente de atos de virtude

É no esplendor desse jardim, o Carmelo que, de acordo com Pereira da Costa (1976), homens austeros e simples que bebem da fonte do profeta Elias, começam a viver, abnegados de suas vontades, uma vida eremítica. É do testemunho profético de Elias, que no século XII d.C., homens excruzados decidem por uma vida mais austera e solitária no cume do Monte Carmelo, em busca de ressignificar suas realidades, visto que, se encontravam em constantes confrontos na defesa da fé.

Os carmelitas surgem desses ex-cruzados estabelecidos no Monte Carmelo, apoiados na Regra de Vida, elaborada por Alberto de Jerusalém, patriarca, e sustentados pelos princípios já defendidos pelo Profeta Elias, uma vida de austeridade e solidão, que puderam ser comparados por Jacques de Vitry como que abelhas na colméia, por estarem sempre em suas celas, pequenos casulos, que colhiam dentro de suas realidades, o mel da doçura divina.

Após apresentar toda essa versão mítica sobre a fundação da Ordem do Carmo que esclareceu quanto a espiritualidade eliana que tanto influenciou a ordem, é cabível dizer através da interpretação de Honor (2017, p.3):

Santo Elias não foi o fundador da da Ordem de Nossa Senhora do Carmo no sentido literal da palavra como Santo Inácio havia sido dos Jesuítas ou São Francisco dos Seráficos, portanto, a suposta origem eliana dos carmelitas seria uma lenda de valor puramente espiritual.

Após esmiuçar a tendência mítica da origem da Ordem do Carmo, as discussões avançarão para o âmbito acadêmico, ao refletir sobre como a historiografia interpreta o surgimento da Ordem dos Irmãos da Bem Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

A origem historiográfica da Ordem do Carmo está intimamente ligada a duas pessoas: o Patriarca, Alberto de Jerusalém, o postulador da regra de vida da Ordem e o São Brocardo, a quem uma convenção de historiadores correlacionam que a alcunha “Irmão B”, que se encontra na elaboração da primeira regra da ordem, pertenceria a sua pessoa.

Não obstante, as discussões sobre a origem da ordem no contexto medieval, já causavam algum espanto entre as mesmas ordens do período, visto que, era incompreensível estabelecer relações diretas entre os eremitas no século XII d.C, e o profeta Elias, entretanto, a ordem se justificava por meio de metáforas e crônicas da época.

Quanto à hagiografia, “Irmão B”, já foi motivo de muitas dúvidas entre os frades da ordem, entretanto, uma convenção de historiadores do século XX, convencionaram a São Brocardo, mas que inicialmente os estudos hagiográficos, interpretavam como São Bertholdo, um ex-cruzado, que se torna com maior visibilidade, visto que foi o primeiro confessor geral da ordem e o fundador da primeira casa do clero regular no Monte Carme.

Entretanto, essas discussões perpassam a realidade de pesquisa deste trabalho, mas apresentam brevemente algumas tendências que explicam a origem da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Depois de deter-se em explicitar a correlação dos Carmelitas com o Profeta Elias e apresentar brevemente alguns possíveis fundadores, o presente trabalho irá avançar as discussões sobre a ligação dos Carmelitas com a

Virgem Maria, mais uma das figuras inspiradoras desse carisma evangélico. Para isso, é preciso explicitar que os carmelitas entendem a Virgem Maria, como a sua mãe, mestra e irmã. Tal como afirma, o Frei Cristiano Garcia (2019, p.11):

Maria sempre esteve na vida e história do Carmelo. E constitui uma das características fundamentais para o espírito fundacional da Ordem, que em sua origem, tem Maria como mãe, mestra e irmã. Maria se torna modelo de seguimento para os primeiros carmelitas que decidem habitar o Monte Carmelo no final do século XII.

Movidos por este espírito fundante, os eremitas construíram e dedicaram, ao redor do eremitério, uma capela dedicada a Senhora do Lugar, o primeiro título atribuído pelos carmelitas a Virgem Maria, dado a experiência feudal, na qual, estavam inseridos, assim reconheciam Maria como a sua senhora. Por isso, cabe explicitar que consagrar aquele território espiritual a Senhora do Lugar, indicava que ofertavam suas vidas, seus bens e suas cavernas a Virgem, ou seja, ela era a verdadeira proprietária daquele lugar. Ainda mais cabe acrescentar, assim como está exposto na Regra do Carmo (2023): “O oratório, de acordo com as possibilidades, seja construído no meio das celas”. Reafirmando, assim, a centralidade de sua vida espiritual.

Toda essa mistagogia mariana que envolve a ordem, fica mais clara dado ao deslocamento dos carmelitas do Monte Carmelo para a Europa, uma nova etapa na vida da ordem, visto que os religiosos enfrentavam os desafios da migração e da ridicularização, pois a realização do IV Concílio Lateranense impedia a criação de novas ordens religiosas para a Igreja, é partir daí que abre-se um processo de uma nova construção de identidade, e a ordem paira os ares da vida mendicante, após a aprovação da Regra do Carmo pelo Papa Inocêncio IV.

Em um contexto posterior, Nossa Senhora aparece em sonho a São Simão, no convento de Aylesford, na Inglaterra, em 1251, entregando-o um sinal de sua terna proteção:

Meu dileto filho, eis o escapulário que será distintivo da minha Ordem. Aceita-o como um penhor da bênção que alcancei para ti e para todos os membros da Ordem do Carmo. Aquele que morrer piedosamente, vestido com este escapulário, participará da eterna salvação. (GARCIA, 2019, p.17)

Eis o pontapé inicial da devoção a Virgem do Carmo, o escapulário mais que adereço religioso ou protetional, é dado aos carmelitas como sinal direto de consagração a Virgem Maria, vestir o escapulário, é vestir o hábito daquele que serve, dado que o significado mais estrito da palavra, que traz a significação de avental, ou seja, portar esse distintivo religioso é um convite para o serviço de maneira gratuita e incondicional.

É o “bentinho”, o sinal de maior devocionalidade a Nossa Senhora do Carmo, ele é a demonstração de como o carisma carmelita que fora sediado no cume do Monte Carmelo, ultrapassou os limites geográficos e atingiu além as fronteiras espaciais. Portanto, a presença da Virgem Maria na Ordem do Carmo faz parte de sua essência, que hoje é devotamente perpassada de geração em geração.

Por fim, cabe salientar, que fez-se necessário neste capítulo inicial, discorrer sobre o recorte histórico da origem da ordem, para melhor contextualizar e responder os seguintes questionamentos: Quem são os carmelitas, onde surgiram e em quem são inspirados? Para assim, compreender quem são esses homens, que após longos anos estabelecidos na Europa, decidem ser instrumento de colonização do Estado Português, em terras brasileiras, a partir do século XVI.

2.2. A chegada dos Carmelitas nas Américas, em especial, Pernambuco.

Neste capítulo, será exposta uma discussão quanto aos Carmelitas que chegaram às Américas no século XVI, serão apresentadas as principais motivações que trouxeram essa ordem religiosa para o “novo- mundo”, apresentando como essa empreitada missionária tem ligação direta com o processo de colonização e de conquista de territórios por parte dos europeus, nas terras além-mar.

Por mais que pareça nítido, é necessário pontuar as relações entre Igreja e Estado, compactuadas nesse contexto da história moderna, exatamente período que os carmelitas desembarcam no Brasil, e que a dominação portuguesa se apossa do território, ou seja, vivia-se sob a égide

de um estado absolutista católico, o que contribuiu de maneira positiva para a instauração e perpetuação da Ordem do Carmo.

De acordo com Pereira da Costa (1976), os franciscanos foram a primeira ordem religiosa ao chegar em terras brasileiras, entretanto, foram os jesuítas que logo se estabeleceram na missão catequética, mas posteriormente, foram os carmelitas que contribuíram efetivamente para a catequese dos indígenas. É justamente a partir dessa ótica, que é possível interpretar que a principal motivação das ordens religiosas pairarem sobre novos ares, está centrada nos novos caminhos que o “descobrimento” de terras para além da Europa, ajudou a facilitar as possíveis transações comerciais e ampliar seus territórios, motivo de lucro para essas potências da Idade Moderna. (PRAT, 2003).

“O Estado Português, juntamente com a Santa Sé, estimulou a vinda das antigas ordens religiosas ao Brasil”. (ARAUJO, 2007, p.30) É com a intenção de perpetuar a colonização do novo mundo e ampliar o combate a reforma protestante, que tinha há pouco entrado em vigor, que ordens religiosas como franciscanos, jesuítas, carmelitas e beneditinos, comprometeram-se em colaborar de forma direta nesse novo empreendimento missionário, colaborando, dessa forma, para a perpetuação dos ideários católicos nesta sociedade colonizada.

Ressalta-se, então, que a principal ordem, que obteve exclusividade na prática religiosa no Brasil, e ainda mais, sendo os representantes oficiais do governo português, foram os jesuítas, até o ano de 1580. É só posteriormente a essa data, que o Estado Português concede privilégios e doações de terras às demais ordens religiosas, tendo como enfoque as províncias do norte, o que ajudou e atraiu reforço missionário. (ARAUJO, 2007).

É, portanto, através do convite do rei e cardeal da Igreja Católica, D. Henrique, que a Ordem do Carmo, veio para o Brasil, com o objetivo inicial de dedicar-se no fortalecimento da colonização da Paraíba, visto que o governo lusitano temia a expansão e invasão dos franceses nessa porção territorial. (PRAT, 2003).

O notável cronista, Frei Manoel de Sá (1724), autor responsável pela obra “Memórias Históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal”, diz que o então rei de Portugal, o cardeal Dom

Henrique, resolve colonizar a Paraíba, e nomeia como comandante, um fidalgo da casa real, o Frutuoso Barbosa, além de ordena-lhe que levasse em sua companhia alguns religiosos, a fim de ajudar na conversão daqueles que eram considerados infiéis. O então comandante, traz consigo os carmelitas, depois que o vigário geral da ordem em Portugal, o frei João Caiado, atende as necessidades que a Sua Majestade o designou. (PRAT, 2003).

Pereira da Costa (1976, p. 25), esclarece mais sobre esse episódio ao dizer que:

Efetivamente, por Patente lavrada no convento do Carmo da cidade de Lisboa em 26 de janeiro de 1580, firmada por Fr. João Cayado, vigário provincial da ordem carmelitana em Portugal, foi concedida a necessária licença para a fundação de um convento de carmelitas na cidade da Paraíba, sob a invocação de N. S. da Vitória.

Eis então, que os carmelitas, por meio desse decreto, poderiam expandir a ordem no Brasil, por meio da aceitação de novos noviços, aqueles então, que decidem ingressar na vida religiosa, perpetuar o carisma e contribuir com o trabalho missionário definido por cada ordem religiosa. Para desempenhar tais funções, para o Brasil foram enviados os seguintes frades: Frei Domingos Freire, Frei Alberto de Santa Maria, Frei Bernardo Pimentel e Frei Antônio Pinheiro. (ARAUJO, 2007).

Contudo, o primeiro empreendimento missionário carmelita que estava previsto para ser sediado em terras paraibanas não aconteceu de maneira positiva, dado aos inúmeros desafios listados por Honor (2014, p.13):

Não seria em 1580 que os carmelitas chegariam ao Rio Paraíba. Quando a armada aportou em Olinda, os frades se estabeleceram na vila e desistiram da viagem de conquista. Os habitantes lhes ofereceram uma ermida para cuidar e os carmelitas preferiram não arriscar o pouco que tinham. Entre trocar o certo pelo duvidoso, optaram por permanecer na Capitania de Pernambuco, não seguindo adiante junto à expedição de Frutuoso Barbosa, que também fracassou no intuito de conquistar o Rio Paraíba.

Uma das únicas exigências do prior Geral, Frei João Caiado, era que os frades fossem úteis ao serviço da Igreja, como também, em via de regra, ao Estado Português, assim como apontava a possibilidade de se estabelecerem na Capitania de Pernambuco. Então, pode-se interpretar que a participação na

armada de Frutuoso Barbosa, fosse apenas uma desculpa para se estabelecerem no Brasil. (HONOR, 2014).

Ao se estabelecerem em Pernambuco, os frades carmelitas, recebem a doação de uma ermida em Olinda, concedida pelo donatário da capitania hereditária, Jerônimo de Albuquerque, que fora dedicada a Santo Antônio e São Gonçalo, tal motivação do doador, se entende na colaboração dos frades na colonização e povoamento de Olinda. (ARAUJO, 2007).

É por meio de Araujo (2007), que é possível compreender que os carmelitas necessitavam obter autorização do bispo do Brasil, o Dom Frei Antônio Barreiros, que os saúda e congratula por sua chegada nas terras brasileiras, e ainda mais, apoia e incentiva, que os carmelitas possam se expandir a partir da vila de Olinda. É também nesse mesmo íterim, que os carmelitas iniciam, no ano de 1588, a construção do seu primeiro convento das Américas, fruto da doação e investimento de posses do governador, da câmara e do povo.

Foi a cidade de Olinda, lugar sede, para que os carmelitas pudessem se estabelecer no Brasil, que se dissipou os frutos da Ordem do Carmo nas demais regiões do país, de onde partiram os primeiros missionários para cristianizar e expandir o processo colonizador, assim como aponta, Frei André Prat (2003, p.

47):

O zelo dos obreiros carmelitanos fez também com que desse Carmelo olindense partissem diligentes operários evangélicos em todas as direções, fundando casas na região sul do país: Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Santa Catarina, São Paulo e Minas, e no Norte: Pernambuco, Parahyba, Maranhão, Pará e Amazonas.

O convento de Santo Antônio, na vila de Olinda, por sua primazia e antiguidade de fundação, até o ano de 1630, foi a casa da vigararia geral da Ordem no Brasil, ou seja, lá moravam seus prelados provinciais, que só saíram após a conquista das terras Pernambucanas, pelos holandeses. Na qual, foram obrigados a se retirarem e se exilaram todos na Bahia. (PEREIRA DA COSTA, 1976).

Somente após a expulsão dos holandeses, em 1654, que o convento de Olinda se estabelece como casa geral da Ordem no Brasil, entretanto, por um

breve período de tempo até que 1686, são criadas duas províncias no Brasil, uma tendo sede na Bahia, a qual pertenciam Pernambuco e Paraíba, e a outra, sediada no Rio de Janeiro. Foi somente no século seguinte, no ano de 1744, que se estabeleceu em Pernambuco, a Província Carmelitana Pernambucana, criada pelo prior-geral da Ordem, o Fr. Luís Logli, tendo por sede o convento do Recife. (PEREIRA DA COSTA, 1976).

Destarte, cabe pois explicitar quais as funções que os carmelitas exerciam neste primeiro instante da colonização brasileira, eles dedicavam-se a instrução, a assistência moral e espiritual para a população, como também, foram baluartes da propagação da devoção mariana. Ao mesmo tempo, que fundam, nas comunidades indígenas missões para perpetuar a colonização, principalmente, na região norte da colônia. Percebe-se, pois, que os carmelitas logo se expandem pela costa brasileira, além, de estarem sempre próximos às regiões de maiores influências econômicas no país, visto que ao longo do tempo, a Ordem possuía um vasto patrimônio como fazendas, engenhos, inúmeras casas e templos religiosos. (ARAUJO, 2007).

É justificado por Araujo (2007, p. 36), a presença dos frades carmelitas nos principais centros econômicos da colônia, ao dizer que:

Geralmente, os regulares possuíam uma formação intelectual mais aprimorada que os seculares e, por isso, tornavam-se responsáveis pela divulgação da cultura entre a população. Seus templos religiosos figuraram como centro do saber e evangelização e, em virtude disto, a sociedade exigiu do governo português a vinda de novos regulares.

Por fim, cabe elencar que o florescimento do carmelito pernambucano, principalmente entre os séculos XVI e XVII, exatamente, no período que a ordem se concentra nos principais polos econômicos do país. Logo após apresentar o estabelecimento da Ordem do Carmo em Pernambuco, o enfoque teórico da pesquisa se voltará a compreender a instauração da primeira missão carmelita no Recife, durante o século XVII.

2.3. A instauração da missão carmelita no Recife

Neste último capítulo, a análise estará centrada na chegada dos carmelitas na cidade do Recife, durante o século XVII, descrevendo quais as principais

motivações e/ou provocações que trouxeram essa ordem religiosa a abrigar-se fixamente nesta porção territorial. Possibilitando assim, entender como os missionários carmelitas puderam se estabelecer nesse povoado portuário.

Após a expulsão dos Holandeses de Pernambuco, marcado pelo episódio conhecido como Restauração Pernambucana, em 1654, às ordens religiosas voltam a abrigar-se em Pernambuco. Não obstante, os carmelitas com o apoio dos órgãos estatais passaram a se estabelecer no Recife, numa casa doada pela Câmara do Senado de Olinda, na Freguesia de Santo Antônio do Recife, funcionando em primeiro instante como hospício. (ARAUJO, 2007).

Tais hospícios possuíam o objetivo de servir de apoio ao projeto missionário desenvolvido pelos frades, ou seja, eram casas de acolhimento de religiosos por curto período de tempo, a fim de que pudessem resolver seus afazeres naquela determinada região, não necessitando de altos custos. Mas não só aos religiosos da própria ordem o hospício poderia dar abrigo, é visto também, que sediava abrigo a qualquer pessoa que de alguma forma contribuísse para o avanço missionário da religião católica. (HONOR, 2013).

Alguns anos mais tarde, já estabelecidos na casa, e resultante do apelo de instâncias da sociedade recifense, os carmelitas decidem então fundar um convento naquela mesma região onde anteriormente tinham fixado seu hospício. Contudo, tal decisão foi desaprovada pelo Senado de Olinda, gerando desentendimentos locais. (PEREIRA DA COSTA, 1976)

Os carmelitas apoiados pela elite local ganham forças para se estabelecer no Recife, como um acordo bilateral, dado que as elites açucareiras dependiam da atuação dos missionários para obter, principalmente, mão de obra, e os carmelitas obteriam lucros e propagariam a missão de evangelização, perpetuando a comercialização de escravos. (HONOR, 2013)

É por isso que Honor (2013, p. 28), deixa claro que: "As ordens religiosas se estabeleceram em núcleos urbanos com desenvoltura econômica e política independentemente do tipo de atividade desenvolvida nesses locais". Isso torna claro, a justificativa plausível do interesse dos carmelitas em se estabelecerem no Recife, um forte centro econômico em constante crescimento.

Isso tudo torna-se mais explícito sob as palavras de Honor (2013, p. 29), ao pontuar que:

Com o comércio em ascensão no porto do Recife, cada vez mais a população se dirigia ao litoral para atividades comerciais (...) A ausência de um convento não impedia a presença de frades no Recife, mas atrapalhava seus negócios.

A fim de arruinar a ideia dos frades a Câmara de Olinda escreve uma carta dirigida ao monarca português, com o objetivo de denunciar os frades carmelitas por abandono ao Convento de Santo Antônio em Olinda, entretanto, nota-se que nessa mesma época, o convento de Olinda já se encontrava bastante deteriorado, devido ao abandono forçado provocado pelos holandeses, fazendo com que as reformas e ajustes se tornassem muito dispendiosos. (ARAUJO, 2007).

Com o envio da carta régia como resposta ao problema apresentado pela Câmara do Senado de Olinda, em 19 de dezembro de 1672, o monarca português, proíbe a fundação de um novo templo no Recife, posteriormente, 1675, os frades insatisfeitos com as decisões tomadas pelo Conselho Ultramarino decidem então reenviar uma petição ao rei, pedindo a autorização da construção e esclarecendo que já habitavam no Recife há um certo tempo, contudo, tal pedido foi novamente negado e os impelia, por ordem real, a voltar a residirem unicamente em Olinda. Mesmo tristes e inconformados com a decisão da Coroa, os frades decidem continuar morando no Recife, sob o fardo de suas próprias expensas. (ARAUJO, 2007).

É apenas em 1676, graças ao apoio da elite local, que fora liderada pelo governador André Vidal de Negreiros, o qual tinha um de seus filhos como membro dessa ordem religiosa, o Francisco Vidal, tido como um dos frades ilustre mais ilustres da província, que a aprovação da Câmara do Senado de Olinda foi concedida aos carmelitas para fazerem uso da doação do terreno para a construção do seu hospício, mesmo contestando a carta régia datada do mesmo ano que impedia a construção de um novo empreendimento missionário carmelita. (HONOR, 2013).

A fim de ampliarem seus esforços missionários, e em busca de uma maior comodidade para os frades, foi que em 5 de maio de 1679, que os carmelitas que conseguiram uma doação de sesmarias do governador Aires

de Castro, com o objetivo de prover melhorias nas condições de vida dos religiosos e o fortalecimento da fé católica no Recife. Vale ressaltar, que essas terras estavam livres de cobrança de foro, tributo ou imposto por parte do Estado, mas poderiam estar sujeitas sempre a fiscalização do Conselho Ultramarino. (ARAUJO, 2007).

Segundo Honor (2013), a casa doada aos Carmelitas pelo Senado de Olinda era onde estava situado o famoso Palácio da Boa Vista, construído pelo conde Maurício de Nassau, datado no ano de 1643, ainda quando era governador de Pernambuco, durante a presença holandesa na região. Contudo, há bastante controvérsias por parte da historiografia, em afirmar que posteriormente, a construção do Convento do Carmo se dá na mesma região onde situava-se o antigo Palácio da Boa Vista, ou em região próxima a sua localização. Como pontapé inicial para a difusão das obras missionárias no Recife, o Frei Francisco Vidal de Negreiros faz uma generosa doação em dinheiro a fim de que se iniciassem os processos de construção.

Foi somente em 1687, que o monarca português autorizou a construção do Convento do Carmo do Recife, concedendo uma licença para o funcionamento. Até a data expressa dessa ordem régia que os religiosos não recebiam expressamente nenhuma cômputo ou o patrimônio para as suas despesas, o que dificultava o andamento das obras. Que só foram impulsionadas no ano de 1690, sob a liderança do Frei João de São José, um dos comissários responsáveis em propagar a Reforma Turonense em Pernambuco, que se utilizaria do convento do Recife para instaurar e propagar as diretrizes da reforma. (ARAUJO, 2007).

O convento do Carmo do Recife vai sendo construído mediante os esforços da comunidade religiosa, da comunidade local e da elite açucareira, mas cabe ressaltar que os entraves ocorridos entre os Carmelitas e o Senado de Olinda para a construção do convento no Recife, tornam-se efervescentes mediante a continuidade da centralização administrativa de Pernambuco em Olinda, dado que o Recife estava em forte ascensão econômica, o que colaborava para assumir o domínio político e econômico de Pernambuco. (ARAUJO, 2007).

A partir desse viés, é possível observar, através da análise minuciosa de André Honor (2013, p. 37), uma das justificativas que impedia o Senado de

Olinda autorizar a vinda dos religiosos carmelitas para o Recife, expressas nesses termos:

Temendo uma sobreposição da importância econômica política de Olinda sobre Recife realidade que se demonstrava bastante factível após a expulsão dos Holandeses O Senado da câmara se posicionou o tempo todo contra a fixação dos Carmelitas no Recife. O problema não eram os Frades Carmelitas mas sim um povoado quer-se de economicamente a olhos vistos.

Assim, explica-se porque o episódio da fundação do Convento do Carmo do Recife, simboliza um dos fortes entraves entre as elites de Olinda e Recife, para a obtenção de prestígio e influência, a fim de vencer uma corrida de interesses, onde se mesclavam os interesses políticos e religiosos (HONOR, 2013).

Mesmo apesar de tantos entraves ocorridos para a fixação do Convento do Carmo, este empreendimento missionário, só se estabelece por ter que se sujeitar aos novos ditames da Reforma Turonense, o que ocasionou certas divisões internas na província, já que nem todos aderiram a essa nova reforma da Ordem (HONOR, 2013).

Perante isto, os ideais carmelitas foram se estabelecendo na cidade do Recife, e a construção do convento, representou um avanço da religião católica, contribuindo assim para ampliar a relação Estado-Igreja, já bem estabelecida nesse recorte histórico. Os carmelitas eram tidos como influenciadores da sociedade, ao participarem de decisões administrativas do governo e da sociedade no geral, mostrando que seus trabalhos não se restringiam apenas ao âmbito religioso, mas estava estritamente ligado com as práticas de perpetuação do projeto colonial (ARAUJO, 2007).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se através dessa produção acadêmica que os carmelitas, religiosos ex-cruzados, que atravessaram além-mar e desembarcaram na América, foram movidos pelo desejo de serem cooperadores da instauração do projeto colonial, nas terras exploradas pelos europeus, dado que a relação de Estado e Igreja, nesse recorte histórico, contribui diretamente para essa vinda, pois, tornaram-se os braços do Estado Português na missão de catequização de não-cristãos.

Por isso, os missionários logo se estabeleceram na colônia portuguesa e através de esforços puderam desenvolver e avançar nos empreendimentos missionários designados pela Coroa, a fim de contribuírem com a propagação do catolicismo e reafirmar as identidades criadas através da lógica colonial estabelecida por Portugal.

Não obstante, os carmelitas, abrigam-se no Recife, posteriormente, a expulsão dos holandeses das terras pernambucanas, tomados pelo desejo ambicioso de ampliarem suas negociações comerciais, dado que, se tratava de uma cidade portuária em crescente desenvolvimento econômico, possibilitando, um maior lucro para esses religiosos, que eram a terceira maior ordem religiosa do período que possuía mais escravizados, além de gerar mão-de-obra para as elites açucareiras.

Por fim, notou-se que está vinda dos carmelitas para esta nova localidade, gerou desentendimentos entre a cidade de Olinda, que neste período, era sede administrativa do estado. Trazer os carmelitas, demais ordens religiosas e políticos para o Recife, era dar a possibilidade desta cidade tornar-se o centro das atividades econômicas e políticas do estado, desbancando a cidade de Olinda, um *start* para os demais conflitos gerados com a Guerra dos Mascates.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças Souza Aires. **Decadência e Restauração da Ordem Carmelita em Pernambuco (1789 - 1923)**. Recife: Programa de Pós-graduação em História/UFPE, 2007. Tese de Doutorado em História.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. 6. Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2010.

BOAGA, Emanuele. **Como pedras vivas**. Para ler a história e a vida do Carmelo. Roma, 1997.

GARCIA, Cristiano, Frei. **Uma história de fé e devoção**: centenário da coroação de Nossa Senhora do Carmo. Recife: Província Carmelitana Pernambucana, 2019.

HONOR, André Cabral. **Universo cultural carmelita no além-mar**: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitanias do norte do Estado do Brasil (sécs. XVI a XVIII). Belo Horizonte, 2013.

HONOR, André Cabral. **O envio dos carmelitas à América portuguesa em 1580**: a carta de Frei João Cayado como diretriz de atuação. João Pessoa: Revista Tempo, 2014, v.20.

HONOR, André Cabral. **A cultura carmelita em ação**: A construção da origem eliana da ordem de Nossa Senhora do Carmo. João Pessoa: Saeculum – Revista de História, 2017.

PRAT, Fr, André. O.Carm. **Notas históricas sobre as missões carmelitas no extremo norte do Brasil (séculos XVII - XVIII)**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2003.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **A ordem carmelita em Pernambuco**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1976.

REGRA DO CARMO. Arquivo do Convento do Carmo do Recife. Recife, 2023.